

A BATA LHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.480

Sexta-feira, 21 de Setembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Chegam hoje ao Porto mais cem crianças de S. Pedro da Cova, que o proletariado daquela cidade acolherá com ternura.

Inépcia e violência

Os ferroviários do Sul e Sueste tem-se manifestado ativamente no sentido de serem atendidas as suas reclamações que são duma justiça incontestável e de serem abolidas algumas medidas iníquas, deprimentes e vexatórias.

Ora no momento em que eles por intermédio da sua comissão de melhoramentos se encontravam em «démarches» com o ministro do comércio, a polícia resolveu adoptar uma tática curiosa. Como lhe tivessem chegado nos ouvidos boatos de que iria estalar no Sul e Sueste uma greve entendeu que devia movimentar-se para a inventar. E que faz ela? Dirige-se ao *Itália* onde Miguel Correia se encontrava cerverando tranquilamente com alguns amigos e prendendo-o. E' claro que depois da prisão de Miguel Correia os boatos —há por ventura coisa mais impossível e irresponsável que um boato?— avolumaram-se. Avolumaram-se, evidentemente, por culpa da estúpida e iníqua medida tomada.

A polícia que não se mostra capaz de se guiar pelo raciocínio, não curou de investigar da procedência dos boatos —coisa de resto difícil— nem sequer aquilatar do motivo porque eles se avolumaram.

Limitou-se a considerar que se os boatos se avolumavam é que probabilidades do greve iam aumentando. Tratava-se, pois, nesse momento de a todo o custo se tomarem precauções para a evitar. E que precauções entendeu a polícia com capacidade de evitarem uma formidável paralisação ferroviária?

Proseguir no caminho das violências inaugurado com a prisão de Miguel Correia, procurando privar da liberdade outros ferroviários é estúpido. Se assim estupidamente o julgou, assim, iniquamente o realizou. Nessa altura é preso o ferroviário José Pereira Ferreira. Para o Barreiro partiram ontem vários esbirros policiais que andaram pela vila, furejando infatigavelmente, na busca acintosa de vários elementos ferroviários.

A' hora que tracamos estas linhas constata-se que os policiais destacados para o Barreiro executaram as suas repelentes intenções detendo vários elementos ferroviários.

Conseguiu a polícia o seu objectivo: evitar a declaração duma greve no Sul e Sueste? Não. Em primeiro lugar não havia greve. Ela nem sequer foi votada em principio em nenhuma das últimas e imponentíssimas reuniões ferroviárias. A votação duma greve, pelo menos em principio, é condição indispensável para a ser votada de facto. Só quando os ferroviários do Sul e Sueste se declarassem em principio pela greve é que ela se podia efectivar. Existe de facto uma grande excitação entre o pessoal das linhas do Estado. Embora essa excitação indicasse que a classe não estava na disposição de se curvar submissa perante as prepotências que a atingem, contudo, a classe, por intermédio da sua comissão de melhoramentos encontrava-se em negociações com o ministro do comércio. Isto quer dizer que ela não desistia de lançar mão de meios suavisadores para resolver o conflito. Mostrava mesmo pelo simples facto de aceitar as negociações que só recorreria à greve, em último recurso quando circunstâncias extremas a isso a solicitassem.

Era portanto facilimo de compreender que o papel da autoridade nesta grave questão seria o de esforçar-se por evitar que os ânimos se exarcebassem. A polícia entendeu por bem que em vez de atenuar o conflito, havia de agravá-lo ainda mais. E assim fez. A polícia entrou, deliberadamente, a exarcebar os ânimos.

A ninguém é dado ignorar que a prisão de Miguel Correia viria causar uma profunda irritação no Sul e Sueste. Pelo homem, exclusivamente? Não. Pelo que ele encarna. Ora Miguel Correia pertencia à comissão de melhoramentos que estava em negociações

com o ministro do Comércio. Prendendo-o a ele significava ferir profundamente, dum golpe certo a classe ferroviária de que ele era delegado. Por isso muito justamente a prisão de Miguel Correia, causou nos meios ferroviários uma grande emoção mesclada da mais veemente e justa das indignações.

Devido a essa estúpida arbitrariedade que pôs em ebulição o meio ferroviário, que colocou Miguel Correia incomunicável, as negociações da classe com o ministro do Comércio foram interrompidas. E só prosseguirão quando Miguel Correia e os ferroviários detidos sejam postos em liberdade.

Extrai-se pois a conclusão que a polícia está executando uma obra de violenta provocação aos ferroviários. E não se queixem depois dos frutos que essa detestável e provocadora política venha a produzir! Sendo a polícia encarregada de manter a ordem, é idiótico que com a sua atitude esteja provocando uma entrada rápida numa situação extraordinariamente difícil e anormal.

NOTAS & COMENTARIOS

«El hombre más grande»

O Primo de Rivera é, incontestavelmente, *el hombre más grande de toda la España*. Todavia, esse homem tão grande tem mais o que se sopra de ouvido em ouvido, o boato impessoal, que passa, como o vento, e não se vê, do que um chefe de família tem as intrigas da visinhança. Daí o pretender esgrimir contra o boato, contra o sopro como o seu ilustre antepassado D. Quixote de la Mancha esgrimia contra os moínhos de vento. Den-lhe *en la ditatorial gana* fulminar o boato. E se este em vez de invisível e impalpável fosse líquido, como a água, bebê-lo-ia como um trago, *aunque hubiera de estar como un río* depois dum banquete.

Fim inevitável

Estiveram na Alemanha, pagos pelo Estado, vários técnicos e correligionários, para receber o material ferroviário cedido a Portugal por motivo das reparações. Regressaram já, técnicos e correligionários, máquinas e vagões. Os técnicos e os correligionários vieram completos, não lhes faltava nenhuma peça. Infelizmente, o mesmo não aconteceu aos vagões, de que apenas vieram os leitos. Os serviços da descarga no norte foram tam bem feitos que doze leitos repousam já, fustosamente no fundo do Douro. Como se vê tudo o que cai nas unhas do Estado é rigorosamente aproveitado... para destruir.

Lógica apimentada

Pimenta de Alfredo vem de atacar a república e defender a monarquia com aquela lógica estrondosa que lhe é peculiar. A república vive da vontade do povo e é como ela efêmera, sujeita a flutuações, transitória e transível. A monarquia como é de origem divina resiste à vontade do povo que contra ela nada pode, como um homem por mais alto que seja pode tocar com um dedo numa nuvem. De facto a vontade do povo nada pode contra os monárquicos. Porque teria caído a monarquia uma vez em Inglaterra, várias vezes em França, uma vez em Espanha, definitivamente na Rússia? E em Portugal o ano de 1910, o mês de Outubro, o fatídico dia 5 nada foram contra a lógica do sr. Alfredo de Pimenta coagido pela vontade divina do rei Manuel II «O tímido insipiente»?

Um homem corajoso

Ontem um conhecido assambarcador da nossa praça comentava, estiracado no hall dum hotel, os acontecimentos de Espanha enaltecendo o ditador Primo de Rivera:

—Um Primo daqueles é que faz falta em Portugal para meter a canalha na ordem.

Ao lado dele, o criado que antes lhe fizera uma vénia murmurou baixinho: —O que em Espanha fazia falta era um Primo destes para reduzir a canalha a fome.

O assambarcador que ouviu a réplica, olhou com estranheza o criado, empalideceu, e afastou-se. Já na rua as suas pernas multiplicaram de tal maneira os passos que para o seu susto parecia não servir de remédio, naquele momento, o mais Primo dos Riveras ou o mais Rivera dos primos.

Insolência e tolice

O sr. Paulo Freire (Mário) que estupidamente ataca o operariado nas notas que de Lisboa envia para o português *Journal de Noticias* replica, insolentemente referindo-se a um redactor deste jornal. Ora *A Batalha* não tem um redactor —tem uma redacção. A mania de consubstanciar a redacção em determinado redactor apenas revela, além de ignorância e levandade, uma dentencia mania de perseguição, que se em parte é lamentável, não deixa de causar certa e justificável reoula.

A DITADURA EM ESPANHA

Um artigo hábil de Rodrigo Soriano, que a censura tacanha e militarista não compreende, que constitui um dos mais violentos ataques á soberania «del Rey»

A censura á imprensa está sendo feita em Espanha com um rigor extraordinário. Os jornais estão impossibilitados de comentar os últimos acontecimentos. Alguns deles, para que os leitores tenham bem presente a arbitrariedade de que estão sendo vítimas, encabeçam o seu noticiário com um aviso bem visível, em letra gorda, redigida assim:

«Como em Espanha foi declarado o estado de guerra e não há liberdade para escrever, preferimos não comentar os sucessos actuais. Limitamo-nos a publicar a informação permitida, que é hoje como segue:»

Entretanto, a despeito do rigor da censura instituída «para honra e grandeza da Espanha», a inteligência apesar de amordaçada sempre encontra maneira de fazer-se entender.

«La Libertad», jornal contrário ás aventuras do Primo, publicava na terça-feira última, em editorial, um habilitado artigo firmado pelo conhecido jornalista Rodrigo Soriano, artigo esse que constitui a mais violenta e formidável crítica feita á loucura dos Primos e outros grandes, a cuja cabeça a grandeza subiu.

Desse artigo transcrevemos alguns dos seus formosos trechos:

«...O monstro caprichoso dos fatais desígnios parece comprazer-se em elevar os poderosos, subindo-os ao trono para despenhá-los em seguida, jogar

lhes finca cruelmente na garganta e ao seu cérebro está de guarda a ferocidade de um somaten.

Queres pensar, escrever, exprimir a tua opinião?

Solicita esse favor, essa graça, do directorio militar. Só ele te poderá conceder essa licença como igualmente te poderá fazer fuzilar, se lhe der na ditatorial vontade.

Hoje não é um homem: é um objecto que Primo de Rivera maneará livremente, a seu gosto, brincando contigo como um gato brincalhão como um rato que a sua mão filou.

A Espanha em vez de se dirigir para as grandes conquistas do progresso, acolhe-se, de joelhos, aos pés da reacção. Os bispos abençoam a ditadura, como entre nós abençoavam o dezembrismo e a traulitania do norte, e isso é já um sinal evidente de que todos se entendem bem. E entendem—ás mil maravilhas! A espada do militarista abre o caminho á invasão reaccionária, mantendo o principio funesto do—*crés on morres*».

Sedição—para nada...

A República de anteontem dava generosamente aos seus leitores este pedacinho de ouro:

«O acto de rebelião, a revolta dos generais, em Espanha, quando já devia ter dado resultados, ainda não deu frutos que se visse.

Primo de Rivera não tinha programa e talvez a estas horas, sem saber o que fazer, esteja arrependido.

Ele o declara, ele o diz: Temos que adotar ao menos dez ou doze medidas que deem ao país a impressão de que há alguma coisa de substancial na troca; se não conseguirmos isto, fracassamos.

Então as medidas tomam-se ás dúzias? O povo espanhol poderá acaso tolerar que um militar de ideias imperiais faça uma revolução, só pelo prazer de demonstrar que é revolucionário, que tem força?

Para que se fez a revolução?

Pelo telégrafo

Um pontapé na liberdade

MADRID, 20.—A *Gaceta* publica o seguinte decreto contra o separatismo:

«Senhor.—Dos males pátrios, um dos que mais urgente e severo remédio necessitam é o sentimento, a propaganda e a acção separatista que vem sendo feita por sudazes minorias que, por serem, não tiram gravidade aos prejuízos causados, e que—precisamente por serem—ofendem o sentimento da maioria dos espanhóis, especialmente dos que vivem nas regiões onde tam grave mal se tem manifestado.

O presidente do Directório Militar, que se honra dirigindo-se a Vossa Magestade, e de acordo com ele, submete á resolução de Sua Magestade medidas e sanções que tendem a evitar o dano e apontado, com tanta mais autoridade e convicção, quanto é certo que está resolvido a propor a Vossa Magestade, dentro dum prazo breve, disposições que definam e robusteam as regiões e o seu desenvolvimento administrativo e

«Crê ou morres!»

Apresentando o que vai por Espanha, *O Rabate* de ontem escrevia:

«A Espanha esmagada hoje por uma ditadura militar nem sequer pode respirar. Os seus escritores liberais tem de depor as penas e os seus caricaturistas, como Bagaria, passam a fazer desenhos para bordados e leques.

Os homens de pensamento emudecem, porque a ponta de uma espada se

de Rodrigo Soriano termina. Traduzimo-la:

«Caso trágico o do principe Henrique de Orleans... Amado do povo, que odiava seu primo, o «rastacuro» magnate, lança-se á aventura e perece numa viagem consumido de febre... Perde o trono.

Curioso caso da caprichosa fatalidade de Carlos I de Inglaterra. Oliver Cromwell, seu futuro verdugo, era um cervelheiro falido, que foi um dia a um porto inglês para embarcar com rumo ás Américas. Naquele mesmo dia o rei Carlos havia publicado um édito proibindo os embarques. Cromwell ficou em Inglaterra, fez a revolução e cortou a cabeça ao rei...

Os poderosos da terra defendem-se do punhal, da dinamite, do veneno. Mas o destino avança e vence-os por fim. Alfonso Daudet simboliza com suave ternura o fatal destino daquele conto maravilhoso de arte, que se intitula «A morte do Delfim». O Delfim agoniza. Os palacianos, crendos-se mais do que Deus e do que o Destino, rodeiam o palácio de canhões, escudeiros e mosqueteiros. Querem, com a metralha e o chumbo, deter a Morte. Mas a fatal senhora, que sobe aos palácios e desce ás cabanas, filtra-se pelas paredes, como o Comendador, e estranquila o pobre Delfim. E eis, meus senhores, como conta a fatalidade nada podem os canhões, os escudeiros e os mosqueteiros.»

E' curiosa a maneira como o artigo

lhes finca cruelmente na garganta e ao seu cérebro está de guarda a ferocidade de um somaten.

Queres pensar, escrever, exprimir a tua opinião?

Solicita esse favor, essa graça, do directorio militar. Só ele te poderá conceder essa licença como igualmente te poderá fazer fuzilar, se lhe der na ditatorial vontade.

com as suas coroas como Hamlet jogava com a caveira de Yorik, rodeado de venturas para tornar-lhes depois mais amargo o veneno.

Quem pensaria que aquele poderoso Guilherme, Lohengrin enlouquecido que passava pelo «Unter der Linde» berlinês resplandecendo em ouro, á frente dos seus cavaleiros de sonho curaçádos de ferro, desafiando o sol como o olhar ativo das douradas águas, as que estendiam o seu orgulhoso choro hoje, no triste exílio da hospitaleira Holanda, a ruína do seu povo? E que Carlos, o soberbo austríaco, o herdeiro de Francisco José, preferiria na ilha portuguesa depois de vender as suas joias para viver? E que o soberano czar, sua alta companhia, manchariam com o seu sangue os caliboues de Ekaterinburgo, e queimados os seus restos, dispersas suas cinzas, não encontraríamos na imensa Rússia, ontem sua escrava, uma tumba sequer?

E segue inumerando factos sobre factos, de reis destronados, de reis assassinados, exilados, perseguidos, esquecendo-se entretanto de citar a queda de D. Carlos e Luís Filipe em Portugal, o exílio de D. Manuel II, factos bastantes eloquentes também e que por se terem passado paredes meias com a Espanha poderiam fazer meditar um pouco os seus ditadores.

E' curiosa a maneira como o artigo

lhes finca cruelmente na garganta e ao seu cérebro está de guarda a ferocidade de um somaten.

Queres pensar, escrever, exprimir a tua opinião?

Solicita esse favor, essa graça, do directorio militar. Só ele te poderá conceder essa licença como igualmente te poderá fazer fuzilar, se lhe der na ditatorial vontade.

Hoje não é um homem: é um objecto que Primo de Rivera maneará livremente, a seu gosto, brincando contigo como um gato brincalhão como um rato que a sua mão filou.

A Espanha em vez de se dirigir para as grandes conquistas do progresso, acolhe-se, de joelhos, aos pés da reacção. Os bispos abençoam a ditadura, como entre nós abençoavam o dezembrismo e a traulitania do norte, e isso é já um sinal evidente de que todos se entendem bem. E entendem—ás mil maravilhas! A espada do militarista abre o caminho á invasão reaccionária, mantendo o principio funesto do—*crés on morres*».

Sedição—para nada...

A República de anteontem dava generosamente aos seus leitores este pedacinho de ouro:

«O acto de rebelião, a revolta dos generais, em Espanha, quando já devia ter dado resultados, ainda não deu frutos que se visse.

Primo de Rivera não tinha programa e talvez a estas horas, sem saber o que fazer, esteja arrependido.

Ele o declara, ele o diz: Temos que adotar ao menos dez ou doze medidas que deem ao país a impressão de que há alguma coisa de substancial na troca; se não conseguirmos isto, fracassamos.

Então as medidas tomam-se ás dúzias? O povo espanhol poderá acaso tolerar que um militar de ideias imperiais faça uma revolução, só pelo prazer de demonstrar que é revolucionário, que tem força?

Para que se fez a revolução?

Pelo telégrafo

Um pontapé na liberdade

MADRID, 20.—A *Gaceta* publica o seguinte decreto contra o separatismo:

«Senhor.—Dos males pátrios, um dos que mais urgente e severo remédio necessitam é o sentimento, a propaganda e a acção separatista que vem sendo feita por sudazes minorias que, por serem, não tiram gravidade aos prejuízos causados, e que—precisamente por serem—ofendem o sentimento da maioria dos espanhóis, especialmente dos que vivem nas regiões onde tam grave mal se tem manifestado.

O presidente do Directório Militar, que se honra dirigindo-se a Vossa Magestade, e de acordo com ele, submete á resolução de Sua Magestade medidas e sanções que tendem a evitar o dano e apontado, com tanta mais autoridade e convicção, quanto é certo que está resolvido a propor a Vossa Magestade, dentro dum prazo breve, disposições que definam e robusteam as regiões e o seu desenvolvimento administrativo e

«Crê ou morres!»

Apresentando o que vai por Espanha, *O Rabate* de ontem escrevia:

«A Espanha esmagada hoje por uma ditadura militar nem sequer pode respirar. Os seus escritores liberais tem de depor as penas e os seus caricaturistas, como Bagaria, passam a fazer desenhos para bordados e leques.

Os homens de pensamento emudecem, porque a ponta de uma espada se

de Rodrigo Soriano termina. Traduzimo-la:

«Caso trágico o do principe Henrique de Orleans... Amado do povo, que odiava seu primo, o «rastacuro» magnate, lança-se á aventura e perece numa viagem consumido de febre... Perde o trono.

Curioso caso da caprichosa fatalidade de Carlos I de Inglaterra. Oliver Cromwell, seu futuro verdugo, era um cervelheiro falido, que foi um dia a um porto inglês para embarcar com rumo ás Américas. Naquele mesmo dia o rei Carlos havia publicado um édito proibindo os embarques. Cromwell ficou em Inglaterra, fez a revolução e cortou a cabeça ao rei...

Os poderosos da terra defendem-se do punhal, da dinamite, do veneno. Mas o destino avança e vence-os por fim. Alfonso Daudet simboliza com suave ternura o fatal destino daquele conto maravilhoso de arte, que se intitula «A morte do Delfim». O Delfim agoniza. Os palacianos, crendos-se mais do que Deus e do que o Destino, rodeiam o palácio de canhões, escudeiros e mosqueteiros. Querem, com a metralha e o chumbo, deter a Morte. Mas a fatal senhora, que sobe aos palácios e desce ás cabanas, filtra-se pelas paredes, como o Comendador, e estranquila o pobre Delfim. E eis, meus senhores, como conta a fatalidade nada podem os canhões, os escudeiros e os mosqueteiros.»

E' curiosa a maneira como o artigo

lhes finca cruelmente na garganta e ao seu cérebro está de guarda a ferocidade de um somaten.

Queres pensar, escrever, exprimir a tua opinião?

Solicita esse favor, essa graça, do directorio militar. Só ele te poderá conceder essa licença como igualmente te poderá fazer fuzilar, se lhe der na ditatorial vontade.

Hoje não é um homem: é um objecto que Primo de Rivera maneará livremente, a seu gosto, brincando contigo como um gato brincalhão como um rato que a sua mão filou.

A Espanha em vez de se dirigir para as grandes conquistas do progresso, acolhe-se, de joelhos, aos pés da reacção. Os bispos abençoam a ditadura, como entre nós abençoavam o dezembrismo e a traulitania do norte, e isso é já um sinal evidente de que todos se entendem bem. E entendem—ás mil maravilhas! A espada do militarista abre o caminho á invasão reaccionária, mantendo o principio funesto do—*crés on morres*».

Sedição—para nada...

A República de anteontem dava generosamente aos seus leitores este pedacinho de ouro:

«O acto de rebelião, a revolta dos generais, em Espanha, quando já devia ter dado resultados, ainda não deu frutos que se visse.

Primo de Rivera não tinha programa e talvez a estas horas, sem saber o que fazer, esteja arrependido.

Ele o declara, ele o diz: Temos que adotar ao menos dez ou doze medidas que deem ao país a impressão de que há alguma coisa de substancial na troca; se não conseguirmos isto, fracassamos.

Então as medidas tomam-se ás dúzias? O povo espanhol poderá acaso tolerar que um militar de ideias imperiais faça uma revolução, só pelo prazer de demonstrar que é revolucionário, que tem força?

Para que se fez a revolução?

de Rodrigo Soriano termina. Traduzimo-la:

«Caso trágico o do principe Henrique de Orleans... Amado do povo, que odiava seu primo, o «rastacuro» magnate, lança-se á aventura e perece numa viagem consumido de febre... Perde o trono.

Curioso caso da caprichosa fatalidade de Carlos I de Inglaterra. Oliver Cromwell, seu futuro verdugo, era um cervelheiro falido, que foi um dia a um porto inglês para embarcar com rumo ás Américas. Naquele mesmo dia o rei Carlos havia publicado um édito proibindo os embarques. Cromwell ficou em Inglaterra, fez a revolução e cortou a cabeça ao rei...

Os poderosos da terra defendem-se do punhal, da dinamite, do veneno. Mas o destino avança e vence-os por fim. Alfonso Daudet simboliza com suave ternura o fatal destino daquele conto maravilhoso de arte, que se intitula «A morte do Delfim». O Delfim agoniza. Os palacianos, crendos-se mais do que Deus e do que o Destino, rodeiam o palácio de canhões, escudeiros e mosqueteiros. Querem, com a metralha e o chumbo, deter a Morte. Mas a fatal senhora, que sobe aos palácios e desce ás cabanas, filtra-se pelas paredes, como o Comendador, e estranquila o pobre Delfim. E eis, meus senhores, como conta a fatalidade nada podem os canhões, os escudeiros e os mosqueteiros.»

E' curiosa a maneira como o artigo

lhes finca cruelmente na garganta e ao seu cérebro está de guarda a ferocidade de um somaten.

Queres pensar, escrever, exprimir a tua opinião?

Solicita esse favor, essa graça, do directorio militar. Só ele te poderá conceder essa licença como igualmente te poderá fazer fuzilar, se lhe der na ditatorial vontade.

Hoje não é um homem: é um objecto que Primo de Rivera maneará livremente, a seu gosto, brincando contigo como um gato brincalhão como um rato que a sua mão filou.

A Espanha em vez de se dirigir para as grandes conquistas do progresso, acolhe-se, de joelhos, aos pés da reacção. Os bispos abençoam a ditadura, como entre nós abençoavam o dezembrismo e a traulitania do norte, e isso é já um sinal evidente de que todos se entendem bem. E entendem—ás mil maravilhas! A espada do militarista abre o caminho á invasão reaccionária, mantendo o principio funesto do—*crés on morres*».

Sedição—para nada...

A República de anteontem dava generosamente aos seus leitores este pedacinho de ouro:

«O acto de rebelião, a revolta dos generais, em Espanha, quando já devia ter dado resultados, ainda não deu frutos que se visse.

Primo de Rivera não tinha programa e talvez a estas horas, sem saber o que fazer, esteja arrependido.

Ele o declara, ele o diz: Temos que adotar ao menos dez ou doze medidas que deem ao país a impressão de que há alguma coisa de substancial na troca; se não conseguirmos isto, fracassamos.

Então as medidas tomam-se ás dúzias? O povo espanhol poderá acaso tolerar que um militar de ideias imperiais faça uma revolução, só pelo prazer de demonstrar que é revolucionário, que tem força?

Para que se fez a revolução?

Pelo telégrafo

Um pontapé na liberdade

MADRID, 20.—A *Gaceta* publica o seguinte decreto contra o separatismo:

«Senhor.—Dos males pátrios, um dos que mais urgente e severo remédio necessitam é o sentimento, a propaganda e a acção separatista que vem sendo feita por sudazes minorias que, por serem, não tiram gravidade aos prejuízos causados, e que—precisamente por serem—ofendem o sentimento da maioria dos espanhóis, especialmente dos que vivem nas regiões onde tam grave mal se tem manifestado.

O presidente do Directório Militar, que se honra dirigindo-se a Vossa Magestade, e de acordo com ele, submete á resolução de Sua Magestade medidas e sanções que tendem a evitar o dano e apontado, com tanta mais autoridade e convicção, quanto é certo que está resolvido a propor a Vossa Magestade, dentro dum prazo breve, disposições que definam e robusteam as regiões e o seu desenvolvimento administrativo e

«Crê ou morres!»

Apresentando o que vai por Espanha, *O Rabate* de ontem escrevia:

«A Espanha esmagada hoje por uma ditadura militar nem sequer pode respirar. Os seus escritores liberais tem de depor as penas e os seus caricaturistas, como Bagaria, passam a fazer desenhos para bordados e leques.

Os homens de pensamento emudecem, porque a ponta de uma espada se

de Rodrigo Soriano termina. Traduzimo-la:

«Caso trágico o do principe Henrique de Orleans... Amado do povo, que odiava seu primo, o «rastacuro» magnate, lança-se á aventura e perece numa viagem consumido de febre... Perde o trono.

Curioso caso da caprichosa fatalidade de Carlos I de Inglaterra. Oliver Cromwell, seu futuro verdugo, era um cervelheiro falido, que foi um dia a um porto inglês para embarcar com rumo ás Américas. Naquele mesmo dia o rei Carlos havia publicado um édito proibindo os embarques. Cromwell ficou em Inglaterra, fez a revolução e cortou a cabeça ao rei...

Os poderosos da terra defendem-se do punhal, da dinamite, do veneno. Mas o destino avança e vence-os por fim. Alfonso Daudet simboliza com suave ternura o fatal destino daquele conto maravilhoso de arte, que se intitula «A morte do Delfim». O Delfim agoniza. Os palacianos, crendos-se mais do que Deus e do que o Destino, rodeiam o palácio de canhões, escudeiros e mosqueteiros. Querem, com a metralha e o chumbo, deter a Morte. Mas a fatal senhora, que sobe aos palácios e desce ás cabanas, filtra-se pelas paredes, como o Comendador, e estranquila o pobre Delfim. E eis, meus senhores, como conta a fatalidade nada podem os canhões, os escudeiros e os mosqueteiros.»

E' curiosa a maneira como o artigo

lhes finca cruelmente na garganta e ao seu cérebro está de guarda a ferocidade de um somaten.

Queres pensar, escrever, exprimir a tua opinião?

Solicita esse favor, essa graça, do directorio militar. Só ele te poderá conceder essa licença como igualmente te poderá fazer fuzilar, se lhe der na ditatorial vontade.

Hoje não é um homem: é um objecto que Primo de Rivera maneará livremente, a seu gosto, brincando contigo como um gato brincalhão como um rato que a sua mão filou.

A Espanha em vez de se dirigir para as grandes conquistas do progresso, acolhe-se, de joelhos, aos pés da reacção. Os bispos abençoam a ditadura, como entre nós abençoavam o dezembrismo e a traulitania do norte, e isso é já um sinal evidente de que todos se entendem bem. E entendem—ás mil maravilhas! A espada do militarista abre o caminho á invasão reaccionária, mantendo o principio funesto do—*crés on morres*».

Sedição—para nada...

A República de anteontem dava generosamente aos seus leitores este pedacinho de ouro:

«O acto de rebelião, a revolta dos generais, em Espanha, quando já devia ter dado resultados, ainda não deu frutos que se visse.

A situação do funcionalismo

Uma justiça de trazer por casa que beneficia os grandes e esmaga os pequenos — A eloquência dos números

A situação desesperadora em que vivem os 3.ºs oficiais, praticantes, serventes e continuos das secretarias do Estado e suas dependências assemelha-se ao naufrágio perdido em pleno oceano, numa luta titânica com a horrível tempestade; porque como este já não tem mais a fé na esperança de se salvar, assim, nós, quais naufragos também, vamos vivendo na doce ilusão com fé e esperança de que o nosso Velhinho nos há de também dispensar um pouco da «santa caridade», e, daí, o andarmos constantemente, numa ansiedade febril, bastante justificável, a perguntarmos uns aos outros: «então, ainda alimentas alguma fé de que nos darão mais umas cedulasinhas, ainda mesmo que milicianas?»... continuas a ter esperanças... «naquela revisão que o ministro vai mandar fazer lá?», que me dizizes tu a resposta que o ministro mandou dar a comissão, prometendo dispensar um pouco de «claridade» aos humildes servidores do Estado?

Mas tudo isto: fé, esperança e caridade resume-se numa só palavra — ilusão — e, o mercetário, o carvoeiro, o pedreiro, enfim, toda essa infinidade de honrados comerciantes que visitamos quotidianamente, não se pagam com ilusões nem nos mandam ir lá pagar para a semana como o sr. ministro manda dizer às comissões que o procuram com o fim de exigirem de s. ex.º o fiel cumprimento da lei n.º 1452... Sim, o comércio, esse patriota e honrado comércio que nos envenena e rouba desalmadamente nada se importa com a miséria do povo e muito menos com as promessas que o Estado faz aos seus servidores, etc., vende a troco de dinheiro, não transaciona com promessas nem, tampouco, se incomoda que eu seja 3.º oficial e tivesse tido de aumento 45000 mensais e aquele seja chefe de repartição e tivesse tido de aumento 596382...

Dinheiro, dinheiro é a sua divisa, dinheiro é que ele quer! O chefe de repartição pode pagar o bacalhau a 6500? pôe-se já a esse preço e o 3.º oficial, o continuo e o servente não podem, que não comam!... Ou, então, que vão à procura de quem lhes venda o célebre bacalhau a peço... E assim vivemos, ou para melhor, assim morremos: dum lado, os governantes que nos fazem, porque fomos nós que os puzemos no poleiro donde, hoje, nos escarnecem, a pagarem-nos com promessas baldias os vencimentos que eles recebem em boas e autênticas notas da depreciada moeda, mandando-nos acudir pelo outro mal pago funcionalismo, o militar, quando a fome nos leva a gritar contra as suas prepotências do outro lado, as chamadas «forças vivas» a explorarem-nos selvaticamente, exigindo-nos tudo quanto ganhamos e mais a pele e, ainda por cima, a chamarem-nos párias, mandrões e tudo mais que lhes dá na maldiva anã!

Esta situação é deprimente, humilhante, não há de ser ela de outra maneira que se aproxima a passos agitados nos há de despertar da profunda letargia em que nos encontramos mergulhados os insultos que nos são dirigidos por essa cáfila que campeia infrene e impunemente neste país e o desprêzo provocador e irritante a que fomos votados por parte de quem tinha o dever de velar com algum carinho pelo nosso insusceptível situação, começou já a produzir efeito, como facilmente se verifica pela indignação que lava no espírito do funcionalismo, mormente nas classes mais humildes que é manifesta e inconcussa...

A miséria, que de há muito, penetrou nos seus lares sombrios despertou-o do criminoso indiferentismo em que, ultimamente, tem vivido com franqueza, já se vai tornando massador e irritante este estado de coisas; todos os dias aguardamos em ansiedade a chegada dos jornais e logo que ele chega, desdobramos uma a uma as folhas e encontramos em grossos caracteres qualquer cousa como: «Funcionalismo público» é obra dum momento...

E, logo que tal se nos depara, aí nos põmos nós a ver se de qualquer forma podemos ler: «... ou então para o «Diário do Governo» o decreto mandando abonar aos humildes funcionários do Estado o vencimento a que tem direito e que pela lei n.º 1452 haviam ficado no rol dos esquecidos; mas isso sim, por mais voltas que demos ao jornal não há meio de passarmos sempre da mesma cousa: «... o sr. ministro acha muito justa a reclamação mas não pode atender a comissão, mandando-a lá... para a semana...»... o sr. ministro manda dizer às comissões que o procuram com o fim de exigirem de s. ex.º o fiel cumprimento da lei n.º 1452...

Sim, o comércio, esse patriota e honrado comércio que nos envenena e rouba desalmadamente nada se importa com a miséria do povo e muito menos com as promessas que o Estado faz aos seus servidores, etc., vende a troco de dinheiro, não transaciona com promessas nem, tampouco, se incomoda que eu seja 3.º oficial e tivesse tido de aumento 45000 mensais e aquele seja chefe de repartição e tivesse tido de aumento 596382...

Dinheiro, dinheiro é a sua divisa, dinheiro é que ele quer! O chefe de repartição pode pagar o bacalhau a 6500? pôe-se já a esse preço e o 3.º oficial, o continuo e o servente não podem, que não comam!... Ou, então, que vão à procura de quem lhes venda o célebre bacalhau a peço... E assim vivemos, ou para melhor, assim morremos: dum lado, os governantes que nos fazem, porque fomos nós que os puzemos no poleiro donde, hoje, nos escarnecem, a pagarem-nos com promessas baldias os vencimentos que eles recebem em boas e autênticas notas da depreciada moeda, mandando-nos acudir pelo outro mal pago funcionalismo, o militar, quando a fome nos leva a gritar contra as suas prepotências do outro lado, as chamadas «forças vivas» a explorarem-nos selvaticamente, exigindo-nos tudo quanto ganhamos e mais a pele e, ainda por cima, a chamarem-nos párias, mandrões e tudo mais que lhes dá na maldiva anã!

Esta situação é deprimente, humilhante, não há de ser ela de outra maneira que se aproxima a passos agitados nos há de despertar da profunda letargia em que nos encontramos mergulhados os insultos que nos são dirigidos por essa cáfila que campeia infrene e impunemente neste país e o desprêzo provocador e irritante a que fomos votados por parte de quem tinha o dever de velar com algum carinho pelo nosso insusceptível situação, começou já a produzir efeito, como facilmente se verifica pela indignação que lava no espírito do funcionalismo, mormente nas classes mais humildes que é manifesta e inconcussa...

A miséria, que de há muito, penetrou nos seus lares sombrios despertou-o do criminoso indiferentismo em que, ultimamente, tem vivido com franqueza, já se vai tornando massador e irritante este estado de coisas; todos os dias aguardamos em ansiedade a chegada dos jornais e logo que ele chega, desdobramos uma a uma as folhas e encontramos em grossos caracteres qualquer cousa como: «Funcionalismo público» é obra dum momento...

E, logo que tal se nos depara, aí nos põmos nós a ver se de qualquer forma podemos ler: «... ou então para o «Diário do Governo» o decreto mandando abonar aos humildes funcionários do Estado o vencimento a que tem direito e que pela lei n.º 1452 haviam ficado no rol dos esquecidos; mas isso sim, por mais voltas que demos ao jornal não há meio de passarmos sempre da mesma cousa: «... o sr. ministro acha muito justa a reclamação mas não pode atender a comissão, mandando-a lá... para a semana...»... o sr. ministro manda dizer às comissões que o procuram com o fim de exigirem de s. ex.º o fiel cumprimento da lei n.º 1452...

Sim, o comércio, esse patriota e honrado comércio que nos envenena e rouba desalmadamente nada se importa com a miséria do povo e muito menos com as promessas que o Estado faz aos seus servidores, etc., vende a troco de dinheiro, não transaciona com promessas nem, tampouco, se incomoda que eu seja 3.º oficial e tivesse tido de aumento 45000 mensais e aquele seja chefe de repartição e tivesse tido de aumento 596382...

Dinheiro, dinheiro é a sua divisa, dinheiro é que ele quer! O chefe de repartição pode pagar o bacalhau a 6500? pôe-se já a esse preço e o 3.º oficial, o continuo e o servente não podem, que não comam!... Ou, então, que vão à procura de quem lhes venda o célebre bacalhau a peço... E assim vivemos, ou para melhor, assim morremos: dum lado, os governantes que nos fazem, porque fomos nós que os puzemos no poleiro donde, hoje, nos escarnecem, a pagarem-nos com promessas baldias os vencimentos que eles recebem em boas e autênticas notas da depreciada moeda, mandando-nos acudir pelo outro mal pago funcionalismo, o militar, quando a fome nos leva a gritar contra as suas prepotências do outro lado, as chamadas «forças vivas» a explorarem-nos selvaticamente, exigindo-nos tudo quanto ganhamos e mais a pele e, ainda por cima, a chamarem-nos párias, mandrões e tudo mais que lhes dá na maldiva anã!

Porque, com bastante mágoa sua, não pode receber a comissão mas que esteja cansado de que s. ex.º continua a reconhecer-lhes toda a razão nas suas reclamações e que... voltem lá para a semana...

E disto não há forma de se safar, quando é certo que com um bocadinho mais de interesse e boa vontade alguma coisa se poderia fazer no sentido de melhorar a nossa situação; caso é que os legisladores quizessem enveredar pelo caminho da moralidade, pois que, no momento em que a vida está cara para toda a gente, não é lógico nem humano aumentar-se escandalosamente os vencimentos dos altos funcionários e esquecerem-se criminosamente os humildes, aqueles que por em 1915 terem a infelicidade de não ganharem para comer estão por esse facto condenados a mal sistema dos coeficientes que agora adoptaram, morrerem miseravelmente a fome.

Nunca se viu coisa mais absurda e estúpida! Com franqueza, isto toca as raízas do escândalo: um funcionário que em 1915 ganhase 100\$00, que naquela data era um bom ordenado, passa pelo regime dos multiplicadores a vencer aquela importância multiplicada por 10, ou seja 1.000\$00 ao passo que, quem na mesma data ganhava 35\$00, como eram os serventes, vencem actualmente 350\$00 por que o multiplicador é o mesmo, embora contra todos os princípios de justiça e equidade.

Categorias	Quantidade	Melhor de cada mês	Importância total da mensalidade
Chefes de repartição...	7	596382	4.177\$74
de secção...	22	303\$91	6.686\$02
1.ºs oficiais...	23	199\$08	4.578\$84
2.ºs "...	40	113\$00	4.520\$00
3.ºs "...	50	45\$00	2.250\$00
Continuos...	14	32\$50	455\$00
Serventes...	26	32\$50	845\$00
			23.512\$60

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

Observa: 1.º — 7 chefes de repartição tiveram de aumento, mensalmente, mais de que 50 3.ºs oficiais; 14 continuos e 26 serventes. 2.º — 1 chefe de repartição teve de aumento mais do que 14 continuos e tanto como 14 3.ºs oficiais. 3.º — 22 chefes de secção e equiparados tiveram tanto de aumento como 40 2.ºs oficiais e 50 3.ºs. Um 3.º oficial.

A BATALHA NA Província e nos Arredores

VALE DE CAVALOS 19 DE SETEMBRO Enquanto os trabalhadores vivem na miséria, engordam os taberneiros

Já há muito que os leitores não tem notícias desta linda aldeia ribatejana, com as suas belas paisagens e com os seus gordos taberneiros. E aqui, neste canto da margem esquerda do Tejo, onde mais se faz sentir a miséria nos lares proletários, mas ela cabe na sua maior parte, triste e dizê-lo, aos próprios trabalhadores, por os mesmos não se levantarem de fronte erguida, como trabalhadores e como homens, para conquistar mais um pouco de pão para si e para os filhos.

Os salários dos trabalhadores rurais de 6350, isto é, para alguns, pois que muitos ficam sem trabalho, já podem avaliar os leitores qual é a miséria desta gente. De passo a passo encontramos crianças de rosto cadavérico, descalças e semi-nuas. Enfim, esta aldeia é um verdadeiro teatro de miséria. E sabem os leitores qual é a preocupação dos trabalhadores daqui? É a taberna, esse centro do vício e do crime!

Enquanto tudo isto se passa, os taberneiros vão engordando como suínos à custa da miséria e da ignorância de todo este desgraçado povo, pois que existem aqui hoje alguns taberneiros que eram há pouco uns maltrapilhos e que por certas artes conseguiram estabelecer-se com uma pipa de vinho a crédito, e agora se julgam alguém, porque já saem à rua em boas charretes, sapicando de lama a miséria de todo este povo. — C.

VENTAS NOVAS 19 DE SETEMBRO Crise de trabalho e vida cara

Enorme a crise de trabalho na classe corticeira, encontrando-se por assim dizer paralisado quasi todo o movimento desta indústria. Até aqui ainda muitos operários andavam nos trabalhos das tiradas da cortiça, mas agora que vão acabando esses serviços vai aumentando o número de quem não tem trabalho, à excepção de alguns que se têm ido adaptando a outros mistérios, visto ser difícil arranjar trabalho em outras localidades, porque a crise é geral.

Como que se isto não seja ainda bastante para espalhar a miséria em muitos lares, temos que lutar com o crescente encarecimento do custo da vida, que dia a dia mais se vem acentuando a ponto de ser impossível viver-se com os salários tão reduzidos que aqui se auferem na maior parte dos diversos trabalhos. — C.

VIANA-DO-CASTELO 19 DE SETEMBRO A questão do pão e a necessidade de aumento de salários

Para continuação dos trabalhos sobre a questão do pão, reuniu o conselho de delegados da U. S. O., juntamente com as direcções de Canteiros e Pedreiros, Manufactores de Calçado, Metalúrgicos, M. de Pão, Alfaiates e Costureiras e Estudadores e Pintores. Antes da ordem do dia, a assembleia protesta contra a reacção da direcção do Carpinheiros, pela pouca consideração que teve com os delegados deste organismo.

Depois de os delegados que foram aos sindicatos apresentarem os seus mandatos e as resoluções das assembleias respectivas, prosseguiu a discussão, sendo bastante animada por alguns delegados não concordarem com o movimento de protesto contra a carestia da vida, mas sim para reclamar aumento de salário.

Eduardo Fernandes Neiva, após várias considerações, não concordava para já com o movimento para aumento de salário, devido à opinião pública. António Silva é da mesma opinião. Meixido não concordava com o movimento de protesto contra a carestia da vida, visto todo o povo ser consumidor e só saírem para a rua as classes trabalhadoras.

Cândido Gomes apresenta uma moção-proposta para que os sindicatos estejam nas condições de fazer reclamações de salário, o façam, por se verificar que alguns sindicatos estão em negociações com os patrões nesse sentido, não deixando, porém, a U. S. O. de tratar de tão importante assunto, devendo todos os sindicatos estar prontos para secundar o movimento de protesto que a C. G. T. leve a efeito.

Alguns delegados não concordam com a moção, mas, devido ao adiamento da hora, fica suspensa a discussão. — C.

Quando continuava a cabeça em sinal de aprovação, sentia-se aturdo. — Wania, pede mais leite garrafa! Eu rio-me de tudo isto — gritava Salakine, gesticulando desesperadamente. Wania respondeu: — Vamos a isso.

Quando Wania despertou, estava estendido sobre uma espécie de cama de campanha, em um subterrâneo meio escuro, cujo tecto abobadado era ainda mais picado que o rosto de Salakine. Mecheu a língua; o dinheiro tinha desaparecido, e sentia apenas na boca uma saliva quente e amarga. Wania suspirou profundamente e olhou em redor.

Tudo o subterrâneo era guarnecido de camas iguais àquela em que estava, semelhantes a montes de lama, e nas quais estavam deitados homens sombrios e esfarrapados. Alguns deles, já acordados, erguiam-se pesadamente, deixando-se escorregar para o solo forrado de tijolos; outros dormiam ainda. O ruído das conversações misturava-se com o ressonar e com o correr da água. No crepúsculo pardacento da manhã, estas cabeças humanas e desganhadas pareciam farrapos de nuvens de outono.

— Já estás de pé? — E junto dêle Wania viu Salakine, cujo rosto avermelhado indicava que tinha acabado de se lavar com água. Tinha na mão uma espécie de cal-

Antes de encerrar os trabalhos, o conselho e as direcções deliberam sobre a greve, na capital, ter aconselhado a volta ao trabalho, resolveu que o mesmo aqui se fizesse.

A massa proletária estava ainda disposta a lutar, mas em obediência à disciplina sindical, acatou a resolução do organismo central, manifestando, apesar disso, o propósito de novamente vir para a luta, se for necessário.

E assim terminou tam bela demonstração de força e de vitalidade, que se não teve a coradão a vitória material, constituiu, pelo menos, um grande triunfo moral.

TIRES! 19 DE SETEMBRO O pão

É deveras revoltante o que se tem passado nesta pacata aldeia no respectivo ao pão. Quando do movimento de protesto declarado em Lisboa, também a organização desta localidade se solidarizou abandonando o trabalho, retomando-o só quando teve conhecimento que na capital tinha sido tomada tal resolução, não sem que uma comissão tivesse ido junto do administrador do conselho apresentar as suas reclamações. Esta autoridade, como sempre, prometeu transmitilas ao ministro da Agricultura por as achar justas.

Mas o que é certo é que passaram poucos dias foi posto à venda o pão tipo único ao preço de \$60, daí subiu para \$70 e actualmente está-se vendendo a \$75, e por este caminho não sabemos aonde isto irá parar, pois que o padeiro diz-nos não estar satisfeito, alegando que na moagem o obrigam a trazer 2 sacas de farinha de 1.º que lhe saiem a \$300 cada quilo.

Com certeza essa farinha é desviada para outras especialidades, pois que o pão é mal fabricado e de péssima qualidade, e ainda acresce a circunstância de ser roubado no peso, porquanto a policia não se incomoda que o povo seja roubado.

Quando será que o povo, a eterna vítima, se resolverá fazer justiça por suas mãos? Cautela, senhores, a fome é má conselheira e quando ela entra pela porta sai a virtude pela janela.

O carvão Também aqui se notou a falta deste combustível indispensável no lar dos trabalhadores. Ultimamente apareceu à venda a \$50 cada quilo e actualmente já se está vendendo a \$60 e é molhado e com terra à mistura. E não há quem meta tudo isto na ordem. — C.

Francisco Pinto dos Santos Realiza-se hoje, pelas 14.30, da sua residência travessa dos Mestros, 19, 1.º, para o cemitério do Alto de S. João, o funeral de Francisco Pinto dos Santos, tipógrafo da casa de obras do «Diário de Notícias», irmão de António Pinto dos Santos, calade e secretário adjunto da Federação Marítima; Carlos Pinto dos Santos, impressor e José Pinto dos Santos, empregado público.

A comissão administrativa da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos convida todos os seus componentes a encorporar-se no préstito fúnebre.

Professores das escolas móveis Termina no dia 26 do corrente o prazo para os professores contratados das escolas móveis assinarem os respectivos contratos, por si ou por bastante procurador.

Pedras para isqueiros Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração. Dízia 50 centavos (cuidado com as imitações). Venda nos centros e aos milhiteiros, assim como isqueiros, caducas, tubos, pipos e tambores nos melhores preços para revenda. Pedidos a CARLOS A. SANTOS Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Pedras para isqueiros Metal Auer, assim como rodas, bocas e mactas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (É a casa que fornece em melhores condições).

Trabalhadores: LEDE A «A BATALHA»

Quando continuava a cabeça em sinal de aprovação, sentia-se aturdo. — Wania, pede mais leite garrafa! Eu rio-me de tudo isto — gritava Salakine, gesticulando desesperadamente. Wania respondeu: — Vamos a isso.

Quando Wania despertou, estava estendido sobre uma espécie de cama de campanha, em um subterrâneo meio escuro, cujo tecto abobadado era ainda mais picado que o rosto de Salakine. Mecheu a língua; o dinheiro tinha desaparecido, e sentia apenas na boca uma saliva quente e amarga. Wania suspirou profundamente e olhou em redor.

Tudo o subterrâneo era guarnecido de camas iguais àquela em que estava, semelhantes a montes de lama, e nas quais estavam deitados homens sombrios e esfarrapados. Alguns deles, já acordados, erguiam-se pesadamente, deixando-se escorregar para o solo forrado de tijolos; outros dormiam ainda. O ruído das conversações misturava-se com o ressonar e com o correr da água. No crepúsculo pardacento da manhã, estas cabeças humanas e desganhadas pareciam farrapos de nuvens de outono.

— Já estás de pé? — E junto dêle Wania viu Salakine, cujo rosto avermelhado indicava que tinha acabado de se lavar com água. Tinha na mão uma espécie de cal-

pela «Batalha», que o movimento em Lisboa tinha terminado.

A União reuniu-se, em face do comité da greve, na capital, ter aconselhado a volta ao trabalho, resolveu que o mesmo aqui se fizesse.

A massa proletária estava ainda disposta a lutar, mas em obediência à disciplina sindical, acatou a resolução do organismo central, manifestando, apesar disso, o propósito de novamente vir para a luta, se for necessário.

E assim terminou tam bela demonstração de força e de vitalidade, que se não teve a coradão a vitória material, constituiu, pelo menos, um grande triunfo moral.

TIRES! 19 DE SETEMBRO O pão

É deveras revoltante o que se tem passado nesta pacata aldeia no respectivo ao pão. Quando do movimento de protesto declarado em Lisboa, também a organização desta localidade se solidarizou abandonando o trabalho, retomando-o só quando teve conhecimento que na capital tinha sido tomada tal resolução, não sem que uma comissão tivesse ido junto do administrador do conselho apresentar as suas reclamações. Esta autoridade, como sempre, prometeu transmitilas ao ministro da Agricultura por as achar justas.

Mas o que é certo é que passaram poucos dias foi posto à venda o pão tipo único ao preço de \$60, daí subiu para \$70 e actualmente está-se vendendo a \$75, e por este caminho não sabemos aonde isto irá parar, pois que o padeiro diz-nos não estar satisfeito, alegando que na moagem o obrigam a trazer 2 sacas de farinha de 1.º que lhe saiem a \$300 cada quilo.

Com certeza essa farinha é desviada para outras especialidades, pois que o pão é mal fabricado e de péssima qualidade, e ainda acresce a circunstância de ser roubado no peso, porquanto a policia não se incomoda que o povo seja roubado.

Quando será que o povo, a eterna vítima, se resolverá fazer justiça por suas mãos? Cautela, senhores, a fome é má conselheira e quando ela entra pela porta sai a virtude pela janela.

O carvão Também aqui se notou a falta deste combustível indispensável no lar dos trabalhadores. Ultimamente apareceu à venda a \$50 cada quilo e actualmente já se está vendendo a \$60 e é molhado e com terra à mistura. E não há quem meta tudo isto na ordem. — C.

Francisco Pinto dos Santos Realiza-se hoje, pelas 14.30, da sua residência travessa dos Mestros, 19, 1.º, para o cemitério do Alto de S. João, o funeral de Francisco Pinto dos Santos, tipógrafo da casa de obras do «Diário de Notícias», irmão de António Pinto dos Santos, calade e secretário adjunto da Federação Marítima; Carlos Pinto dos Santos, impressor e José Pinto dos Santos, empregado público.

A comissão administrativa da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos convida todos os seus componentes a encorporar-se no préstito fúnebre.

Professores das escolas móveis Termina no dia 26 do corrente o prazo para os professores contratados das escolas móveis assinarem os respectivos contratos, por si ou por bastante procurador.

Pedras para isqueiros Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração. Dízia 50 centavos (cuidado com as imitações). Venda nos centros e aos milhiteiros, assim como isqueiros, caducas, tubos, pipos e tambores nos melhores preços para revenda. Pedidos a CARLOS A. SANTOS Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Pedras para isqueiros Metal Auer, assim como rodas, bocas e mactas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (É a casa que fornece em melhores condições).

Trabalhadores: LEDE A «A BATALHA»

Quando continuava a cabeça em sinal de aprovação, sentia-se aturdo. — Wania, pede mais leite garrafa! Eu rio-me de tudo isto — gritava Salakine, gesticulando desesperadamente. Wania respondeu: — Vamos a isso.

Quando Wania despertou, estava estendido sobre uma espécie de cama de campanha, em um subterrâneo meio escuro, cujo tecto abobadado era ainda mais picado que o rosto de Salakine. Mecheu a língua; o dinheiro tinha desaparecido, e sentia apenas na boca uma saliva quente e amarga. Wania suspirou profundamente e olhou em redor.

Tudo o subterrâneo era guarnecido de camas iguais àquela em que estava, semelhantes a montes de lama, e nas quais estavam deitados homens sombrios e esfarrapados. Alguns deles, já acordados, erguiam-se pesadamente, deixando-se escorregar para o solo forrado de tijolos; outros dormiam ainda. O ruído das conversações misturava-se com o ressonar e com o correr da água. No crepúsculo pardacento da manhã, estas cabeças humanas e desganhadas pareciam farrapos de nuvens de outono.

WANIA

DE MAXIMO GORKI

— Toma cuidado, bruto! — gritou ela, com voz rouca. A um canto do taberna, debaixo da pequena lâmpada que ardia em frente de uma imagem, um homem estava sentado à mesa. Wania dirigiu-se-lhe: — Posso sentar-me? — A vontade. Kusine sentou-se, desabotoou a gola do casaco e disse: — Tanta gente? — Uma casa desta ordem nunca está vazia. E do campo? — Sou. — Procura trabalho? Há falta dêle. Os negócios correm mal por aqui. — Seria verdade? — Eu já cheguei há três semanas. — E ainda não encontraste que fazer? — Não, é impossível... não se arranja nada. — Junto da mesa, rápido como um lagarto, passou o módo da taberna.

— Não tardará que as venda... ou as troque. Wania sentia compaixão dêle. — Pode ser que arranjes qualquer coisa. — Hé, hé! Há tantos como eu na cidade! São como as folhas amarelas no outono... Repara, que gente aí vai! E todos eles tem necessidade de comer. — Queres tomar chá comigo? — ofereceu Wania. — Obrigado, muito obrigado, já tomei... Mas se queres oferecer-me um copo...

E suspirou profundamente... Wania tocou com a língua nas moedas que tinha escondidas na boca, reflectiu, chamou o rapaz e ordenou-lhe com ar importante: — Traz-nos meia garrafa e dois copos. O homem bigexoso sorriu, sem nada dizer. — Onde passas tu a noite? — perguntou Wania. — Perto daqui... Custa três kopecks... E tu?

— Eu cheguei agora. — Está bem, dormiremos juntos. — Póis sim. — Vamos a saber. Como te chamas tu?

— Wania Kusine. — Eu, Jeremias Salakine. Entreolharam-se, sorrindo em silêncio. O rapaz trouxe rapidamente e Wania encheu o copo de Salakine; este levantou-se, pegou no copo e disse para o companheiro: — Todos os homens são igualmente...

— Pois bem; bebamos à nossa amizade! Estas palavras moveram Wania, que engoliu de um trago o conteúdo do seu copo. Depois, declarou alegremente: — Está-se melhor acompanhado do que só. — Certamente. — É a primeira vez que venho à cidade para procurar trabalho... Tenho cá vindo algumas vezes tratar de negócios, mas nunca para ficar — dizia Wania, enchendo de novo o copo. — Outro tanto me acontece; trabalhei sempre no campo. Tive uma questão com o capataz e ele correu-me... Cão do diabo! — A mim morreu-me meu pai, há quinze dias apenas. Agora, vejo-me obrigado a procurar onde ganhe a vida. Perto, dêles, a outra mãe, estavam sentados dois carroceiros, ambos cobertos de poeira. Discutiam em alta voz, e um dêles, já velho, gritava batendo na mesa com o punho: — É bem feito. Bem o mereceu... — Mas porque? — perguntou o segundo, que tinha a barba negra e uma cicatriz na fronte. — Porque é justo... É preciso compreender isto. Que espécie de operário é êle? Os verdadeiros operários são iguais à farinha, à massa, ao pão de Deus. Mas todos os outros, os que são capazes de trabalhar, são como as sobras, os restos, o que para nada presta. Serem dados sem pesto às foras... eis o seu destino... — Todos os homens são igualmente...

